

AFRICANISMO, GEOLINGÜÍSTICA E LEXICOGRAFIA: UM ESTUDO DE CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS

Eloisa Elena Barbara Oliveira ¹

Vanderci de Andrade Aguilera ²

Resumo: Este trabalho teve como objetivo fazer um estudo diacrônico de africanismos – palavras de origem africana - no estado da Bahia. Para tal estudo foram analisadas as cartas publicadas no Atlas Prévio dos Falares Baiano - APFB em 1963, comparando os registros encontrados com o vocabulário estudado por obras atuais referentes à influência da língua africana na formação da língua portuguesa.

Palavras-chave: Geolingüística; Lexicografia; Africanismos.

Abstract: This article aims to offer a diachronic study of africanisms – words of African origin – in the Brazilian state of Bahia. For such study we have analyzed the cartographic sheets published in the “Previous Atlas of the speeches from Bahia” (original title: Atlas Prévio dos Falares Baiano – the APFB) back in 1963, comparing the found registers with the vocabulary studied by more recent works related to the influence of the African languages in the formation of Portuguese language.

Keywords: Geolinguistics; Lexicography; Africanisms.

Introdução:

A partir do século XVI, foram trazidos para o Brasil escravos de várias partes do continente africano, tais como: Guiné, Angola e Costa da Mina para trabalharem na agricultura de vários produtos, como cana-de-açúcar, algodão e fumo e na extração de ouro. A vida deles era muito sofrida, trabalhavam de sol a sol, não recebiam por isso, e ainda eram maltratados por seus donos. Algumas mulheres eram obrigadas a ter relações sexuais com seus patrões e muitas vezes as mulheres destes, quando descobriam a traição, castigavam-nas.

Dessa relação entre a escrava e o senhor branco, nasceram filhos ilegítimos, isto é, não reconhecidos pelo pai, que continuaram vivendo com as mães na senzala e trabalhando com os outros negros, que ali viviam. Desse modo, surge a miscigenação entre brancos e negros cuja mistura não ficou registrada apenas na cor da pele, mas também na linguagem.

¹ Bolsista do UEL/Afroatidade.

² Professora doutora do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da UEL. Orientadora.

Ao longo dos anos, alguns estudiosos da língua portuguesa vêm pesquisando as alterações sofridas pelo idioma. A contribuição dos negros para a formação do português do Brasil é evidente, muito embora não seja percebida ou dada a devida importância para esse fato. Segundo Henckel (2002, p.91)

“A primeira pesquisa de campo, de capital importância para o tema, foi realizada nos anos setenta na África e no Brasil pela pesquisadora baiana Yeda Pessoa de Castro.”

A partir desse momento é que as pesquisas vão ser mais completas, mais rigorosas, mostrando realmente qual foi a influência dos negros e das línguas africanas em nosso país.

Por outro lado, os atlas lingüísticos têm como objetivo mapear e descrever as variantes diatópicas de fenômenos lingüísticos que se registram no nível do léxico, fonético, morfossintático, colhidos na linguagem oral de falantes nativos das localidades pesquisadas. No Brasil, está em andamento o Atlas Lingüístico do Brasil (Comitê Nacional: 2001), desde 1996, e há quase uma dezenas de atlas estaduais concluídos e/ou publicados. Dentre esses últimos, escolhemos o Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB como fonte de dados para a nossa pesquisa.

O APFB (Rossi, 1963) foi o primeiro atlas a ser publicado no Brasil. Os inquéritos para tal empresa foram realizados em 50 localidades, totalizando 100 informantes do sexo masculino e feminino, analfabetos ou semi-analfabetos, com idades entre 25 e 84 anos, que tivessem nascido e se criado na localidade, e que estivessem ligados ao campo. Este atlas contém 209 cartas, divididas em: 11 cartas introdutórias, com dados sobre o atlas, 154 cartas fonéticas e léxicas e 44 são resumos de cartas fonéticas. Entende-se por carta fonética aquela que traz no interior do mapa, e pontualmente em cada localidade, os registros obtidos dos informantes sobre o tema que deu origem à carta geolingüística.

Objetivo:

O objetivo deste trabalho foi pesquisar os africanismos existentes no Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB e verificar as acepções trazidas nas principais obras lexicográficas como: Antenor Nascentes (1943); Morais Silva (1945); Ferreira (2004) Houaiss (2001); e confrontá-las com a obra de Castro (2001) e Nei Lopes (2004), buscando verificar as convergências e divergências entre obras lexicográficas mais consultadas e outra especializada no léxico de base africana.

Metodologia:

Para a consecução deste trabalho, percorremos as seguintes etapas:

(i) Leitura dos atlas estaduais publicados ou concluídos: Atlas Prévio dos Falares Baianos - APFB (1963), Nelson Rossi; Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais – EALMG (1977), Mário Zágari et alli; Atlas Lingüístico da Paraíba – ALPB (1984), Menezes e Aragão; Atlas Lingüístico de Sergipe – ALS (1987), Ferreira et alli; Atlas Lingüístico do Paraná – ALPR (1994), Vanderici Aguilera; Atlas Lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS (2002), Walter Koch et alli; Atlas Lingüístico Sonoro do Pará – ALISPA (2004), Abdelhak Razky; e Atlas Lingüístico de Sergipe II – ALS II (2005), Suzana Cardoso.

(ii) Seleção das cartas do APFB que continham o maior número de variantes de base africana.

(iii) Levantamento das lexias procedentes de línguas africanas.

(iv) Busca em dicionários: Ferreira (2004), Houaiss (2001), Nascentes (1943), Morais Silva (1945) e nas obras de Pessoa (2001) e Nei Lopes (2004).

(v) Análise dos dados.

Na seleção das cartas do APFB, tivemos que nos familiarizar com os vários conceitos da geolingüística, inclusive nos tipos de cartografiação. A carta fonética é uma dessas modalidades de representação cartográfica e consiste no registro diatópico das formas fonéticas tais como foram apresentadas pelos informantes.

Exemplo de carta fonética:



Esta é uma das cartas que compõem o Atlas Prévio dos Falares Baianos, carta de nº 100, onde aparecem as denominações para o conceito *gêmeos*. Ainda foram consultadas as seguintes cartas:

- 23 Trabalhador de enxada – macaco;

- 32 Parte terminal da inflorescência da banananeira – buzo;
- 36 Onde se põe o feijão pra secar – moleque;
- 99 Feiticeiro – mandraqueiro, macumbeiro, cobé, candomblezeiro, mandingueiro, xangourista e xangozeiro;
- 100 Gêmeos – mabaço;
- 113 sem rabo (pinto, galinha) – surungo;
- 122 Marimbondo;
- 127 Sapo de perna grande – caçote;
- 128 Sanguessuga – mazá;
- 52 Pó, rapé, fumo – macaia.

Após o levantamento dos dados acima, foi feita a busca em dicionários, e comparadas as acepções trazidas por eles com a obra de Castro (2001) e a *Enciclopédia da diáspora africana*, de Lopes (2004).

Tabulação e análise dos dados:

Variante: Macaco	
Ferreira	De or.Afr. Subs. Masc. 1. Zool. Desig. Comum a todas as espécies de primatas, aplicada no Brasil, restritivamente, aos cebídeos em geral.
Houaiss	Etm. or. duvidosa.; ger. considerado afr. prov. banto, difundido para as demais línguas através do português; Nei Lopes lembra o quinguana makako “pequeno símio”. Tb. Atribuído ao lingala, e o quicg. (vili ou cabinda) makaku pl. de kake ou kaaku.
Morais Silva	S. M. Gênero de mamíferos quadrimanos, da ordem dos primatas. Bras. De norte.
Nascentes	S. m. Nome comum a todos os símios. Máquina que consta de uma barra denteada de ferro, cordas, correntes e manivela, destinada a levantar grandes pesos. Adj. Desgraçado. (Empregado apenas na expressão “morrendo de morte macaca” isto é, desgraçada ou violenta.

Nei Lopes	Termo ofensivo utilizado no Brasil para injuriar o indivíduo de descendência africana. Eduardo Silva fala que nas culturas africanas e da Diáspora é comum os homens referirem-se a si mesmos como “macaco” ou “macaco velho.
Castro	(banto) 1. (°PO) –s. símio; (p.ext.) adj. esperto, finório; feio, horrendo.

Podemos observar que: (i) apenas Castro registra o grupo a que pertence a palavra *macaco*, e (ii) os lexicógrafos ainda têm dúvidas sobre como denominá-la. Outras pesquisas que analisam a inserção da língua africana no português brasileiro comprovam que os lexicógrafos ainda têm dúvidas sobre como indicar as origens das palavras, como é o caso da pesquisa de Puzzinato e Aguilera (2006) que, da mesma forma, comprova que os dicionários de uso da língua simplificam os verbetes ou mesmo não assumem uma posição em relação às palavras de origem africana: “*Constatou-se, igualmente, que a maioria das palavras é tratada por esses autores como africanismo, de forma genérica, sem referência ao grupo de que provém este ou aquele vocábulo.*” (Puzzinato e Aguilera, 2006)

Variante: Buzo	
Ferreira	De origem africana, poss. Substantivo masculino. 1. Bras. Jogo popular com rodela de casca de laranja, grãos de milho, etc. 2. Brás. RS V. violão (1). 3. Brás. N. E. V. búzio (1).
Houaiss	S. m. RS instrumento de cordas (p.ex., violão) etm. Orig. controv.; talvez vocábulo plat., conexão com buzo ou búzio (Cf. acp. Mús. e etm.)
Morais Silva	S.m. Jogo popular. O m. q. búzio.
Nascentes	S. m. Jogo popular, feito com rodela de cascas de laranja, grãos de milho, etc.
Nei Lopes	
Castro	(FB) (PS) –s.m. concha do mar, que servia de moeda na África durante e é muito usada em adornos rituais e no jogo de Ifá.

	Var. buzo-da-costa, buzo-fêmea, buzo-macho. Ver acué, jimbo, ouô. Cf. Port. <u>Búzio</u> .
--	--

Para Ferreira, a palavra é de possível origem africana. Quanto ao significado, trata-se de um jogo popular feito com rodela de casca de laranja, grãos de milho, etc, concordando, assim, com Morais Silva e Nascentes. Para Castro, trata-se de uma concha do mar, que servia de moeda na África e para Houaiss é um instrumento de corda.

Variante: Moleque	
Ferreira	Do quim. Um'leke, "menino".] Substantivo masculino. 1. Negrinho. 2. Bras. Indivíduo sem palavra, ou sem gravidade. 3. Bras. Canalha, patife, velhaco. 4. Bras. Menino de pouca idade. 5. Afric. Jovem doméstico
Houaiss	S. m. (a 1716 cf. Rb) 1. menino novo, de raça negra ou mista. 2 B. Garoto de pouca idade. Etm. Quimb. Muleke, "garoto, filho pequeno".
Morais Silva	Adj. Engraçado, divertido. S.m. Rapaz preto de pouca idade. Criado negro, geralmente muito novo. Bras. Pândego, brincalhão, garoto.
Nascentes	S. m. Nome que davam ao negro pequeno no tempo da escravidão. Nome injurioso aplicado a qualquer menino de cor. (Fig.) Indivíduo brincalhão. Indivíduo sem palavra, canalha. (Do quimbundo mu'leke, menino).
Nei Lopes	Neguinho; por extensão, menino de pouca idade. Do quimb. Muleke, "garoto", "filho", correspondente ao quic. Um-léeke, "criança".
Castro	(banto) 1. (°PO)-s.m. menino, garoto, rapaz: meninote negro.

Com exceção de Morais Silva, todos os outros lexicógrafos e Lopes dizem que moleque pertence ao quimbundo. Mas para Castro pertence ao

banto. Moleque muitas vezes é utilizado no sentido pejorativo para denominar uma criança travessa.

Variante: Mabaço	
Ferreira	[variante de babaço.] S. m. Bras. 1. V. babaço. 2. Rel.V. Ibêji. [Nesta acepção. Ger. Com cap.]
Houaiss	S. 2 g. B1 irmão ou irmã gêmea. Mabaças. S. m. pl. Rel B 2 epíteto do orixá duplo ibêji. Etm. Quimb. E quicg. Ma'basa, pl. de ka'basa "gêmeo"; pl. formado com o pref. Ba ou ma; daí as var. babaça e, com alt de desig. Babaço.
Morais Silva	S. M. Bras. Irmão gêmeo.
Nascentes	Mabaça. Adj. Gêmeo que nasce em segundo lugar. (Variante de babaça. q. v.) Babaçu. S. f. Espécie de palmeira (Orbinya martiana, B. R.) (Do tupi wawa'su).
Nei Lopes	Mabaça: Termo usado no Brasil correspondente ao português "gêmeo.". do quimb mabasa, pl. de kabasa, gêmeo.
Castro	Mabaço: (banto) (^a BR) –s.2gen. Mabaça (banto) 1. (BA) –adj. Diz-se da banana ligada a outra: acredita-se que quem a come terá filhos gêmeos.

Para a variante *mabaço*, foram encontradas etimologias bem diversificadas. Para Lopes e Houaiss, mabaço pertence ao quimbundo e para Castro ao banto. Ferreira e Moraes Silva dizem ser brasileirismo e, segundo Nascentes, trata-se de uma palavra de origem tupi.

Variante: mandraqueiro	
Ferreira	Mandraca: [De or. Afr., poss.]
Houaiss	Adj. S. m. BS. BC. –O. m.q. mandingueiro ("mago"). Etm. Mandraca (- c - > - que -) + - eiro. Mandraca etm. Origem controv; prov. Alt. pop. Do lat. Mandragora ou mandragoras.
Morais Silva	Mandraca. S. f. Bras. de Minas. Feitiçaria. Mandraqueiro, feiticeiro.

Nascentes	Não consta.
Nei Lopes	Não consta
Castro	(FB) (°LP) –s.m. Cf. mandraque + Port. –eiro.

Ferreira e Houaiss dizem ser de origem controversa. Para Moraes Silva é brasileirismo e para Castro mandraqueiro originou-se do termo mandraque que é de origem banta, ao qual foi acrescentado o sufixo -eiro.

Variante: macumbeiro	
Ferreira	Macumba: [Do quimb. ma'kôba] S. f. 1. Rel. Designação genérica dos cultos sincréticos afro-brasileiros derivados de práticas religiosas e divindades de povos bantos, influenciadas pelo candomblé e com elementos ameríndios, do catolicismo, do espiritismo, do ocultismo, etc. Macumba + -eiro.
Houaiss	S. m. (s. XX) B 1 Mús. tocador de macumba ('antigo instrumento de origem africana, percussão") 2. Chefe de terreiro de macumba. Etm. Macumba + eiro.
Moraes Silva	Macumba: S. f. Bras. Cerimônia fetichista de fundo negro com influência cristã. Feitiçaria. Instrumento músico dos negros. Macumba + -eiro.
Nascentes	Macumba. S.f. Cerimônia fetichista de origem africana, acompanhada de contos e danças ao som de instrumentos de percussão. Feitiço. (Do quimb. ma'kûba, pl. de ri'kba, cadeado, por alusão ao "fechamento de corpo". Macumba + -eiro.
Nei Lopes	Macumba: Nome genérico, popularesco e de cunho às vezes pejorativo, com que se designam algumas religiões afro-brasileiras, notadamente a umbanda e o candomblé. O vocábulo é de origem banta mas de étimo controverso. A origem parece estar no quicongo makumba, plural de kumba "prodígios", "fatos miraculosos", ligado a cumba, feiticeiro.
Castro	(FB) (°BA) –s.m. feiticeiro, adepto de macumba + Port. – <u>eiro</u> .

Nascentes e Ferreira trazem a palavra como sendo de origem quimbundo. Já para Lopes, o vocábulo é de origem banta e de étimo controverso. Castro também registra que macumbeiro provém de macumba, de origem banta, ao qual se acrescentou sufixo vernáculo –eiro. Para Moraes Silva é apenas um brasileirismo; para Houaiss macumba é de origem africana, à qual foi acrescentado o sufixo –eiro, originando a palavra *macumbeiro*.

Variante: cobé	
Ferreira	Não consta
Houaiss	Não consta
Moraes Silva	Não consta
Nascentes	Não consta
Nei Lopes	Não consta
Castro	(banto) (BA) –adj. (precedido de <u>feiticeiro</u>) curandeiro, feiticeiro temível, implacável. Var. coubé. Kik. Kòbi.

Esta variante não consta da obra dos lexicógrafos analisados. Encontramos apenas em Castro, indicando a procedência do banto.

Variante: candomblezeiro	
Ferreira	Candomblé: [De or. Afric.] S. m. Bras. Rel. 1. Religião introduzida no Brasil com escravos, principalmente de regiões dos atuais estados da Nigéria e do Benim, na qual crentes novos e ancestrais, reais ou míticos, eram divinizados em cultos públicos ou secretos. Candomblé –eiro.
Houaiss	S. m. (1955) Rel. B. Adepto do cancomblé; candomblecista (s.) Rel. B.m. q. Babalorixá. Etm. Candomblé.
Moraes Silva	Candomblé: S.m. Bras. Espécie de batuque, dançado por negros com exercícios de feitiçarias. Macumba. Quarto escuro reservado a trastes velhos. Candomblé +eiro.
Nascentes	Candomblé: S.m. local para prática de feitiçaria. (De origem

	africana). Candomblé + -eiro.
Nei Lopes	Candomblé: Nome genérico com que, no Brasil, se designam o culto aos orixás jeje-nagôs e algumas formas dele derivadas, manifestas em diversas “nações”. Ganhou forma de se desenvolveu no Brasil, a partir da Bahia, com base em diversas tradições religiosas de origem africana, notadamente da região do Golfo da Guiné. Candomblé + -eiro.
Castro	Candomblé: (banto) (LP) (°BR) –local de adoração e de práticas religiosas afro-brasileiras da Bahia; o culto ou o conjunto de crenças religiosas dedicadas a divindades africanas (santos); a cerimônia pública festiva; (pejorativo) cerimônia de magia negra, de feitiçaria, macumba. Candomblezeiro (BR) –s.m. Ver candomblezeira.

Para a maioria dos dicionaristas é uma palavra de origem africana, mas não indicam a que povo pertence. Castro, todavia, afirma pertencer ao povo banto. Novamente registra-se a divergência de tratamento dos vocábulos entre os lexicógrafos e a especialista Castro, quanto à maneira de identificação da palavra.

Variante: mandingueiro	
Ferreira	[De mandinga + -eiro] Adjetivo. Que faz mandinga. Etm. [Do top. Mandinga (África).] 1. S. Etno. Indivíduo dos mandingas, povo da religião predominantemente maometana, que vive na parte norte da África ocidental; mandê. 2. Língua falada pelos mandingas.
Houaiss	A. m. (1789 cf. ms) Feiticeiro africano, primitivamente só de origem mandinga. Etm. Mandinga + eiro.
Morais Silva	Adj. E s. m. Que faz mandinga; feiticeiro, bruxo, mago
Nascentes	Adj. Que mandinga ou faz mandinga. S. m. Feiticeiro africano, primitivamente só de origem mandinga.
Nei Lopes	Mandinga. Bruxaria; feitiço, talismã; qualidade de jogo de

	capoeira. Na Bacia do Prata, um dos nomes do diabo. A origem do vocábulo é, provavelmente, o quicongo ndinga, “praga”, “maldição”. Mandinga + -eiro.
Castro	(FB) (°BR) –s.f. mandinguento, que faz ou pratica mandinga + Port. – <u>eiro</u> , – <u>ento</u> .

Houaiss, Ferreira e Nascentes dizem ser de origem mandinga, povo que vivia no Norte da África. Para Lopes é provavelmente de origem quicongo. Já para Castro é de origem banta acrescida do sufixo vernáculo -eiro.

Variante: Marimbondo	
Ferreira	[Do quimb. Ma, pref. Pl., - rimbondo, “vespa.”] S. m. Bras. 1. Zool. Designação comum aos insetos himenópteros, vespídeos.
Houaiss	S. m. (1716 cf. RB) B1 Ent. Desig. Comum e imprecisa aos insetos himenóptros, esp. da fam. Dos vespídeos. Etm. Quimb. Mari’bondo, comp. De ma pref. De pl.+rimbondo “vespa” donde tb marimbondo;
Morais Silva	S.m.Bras. do N. Espécie de vespão o m. q. maribondo. S. m. Nome comum a todas as espécies de vespas no Brasil. Alcunha que os portugueses davam aos brasileiros no tempo da independência.
Nascentes	S. m. Variante nasalada de maribondo, q. v. Maribondo s. m. Nome comum a todos os himenópteros que não são abelhas nem formigas, chamados calas no Norte e no Maranhão e vespas de São Paulo para o Sul. (Do quimbundo maribundu).
Nei Lopes	não consta
Castro	(banto) (°BR) –s.m. vespa. Var. maribondo. Kik./Kimb. (ma)di(m)bondo/Umb. Omalimba.

Todos os lexicógrafos, com exceção de Morais Silva, concordam que marimbondo veio do quimbundo, com as variantes marimbondo e maribundu, o que é confirmado por Castro, mas com a variante (ma)di(m)bondo. Morais Silva

diverge dos outros dicionaristas, apontando a palavra maribondo, como brasileirismo do Norte.

Variante: Caçote	
Ferreira	1 [Do quimb. Risote, com troca do pref. Por ka, “rãzinha”.] S. m. 1. Bras. N. E. Desig. Popular para os anuros (sapos e pererecas) de pequeno porte. 2. Bras. Go rã (3)
Houaiss	1 s. m B. pequeno caçã. Etm. Caçã+ote s.m. Etm. Quimb. Kazote, dim. De dizote “rã”.
Morais Silva	S. m. Espécie de saco de pano grosso e acolchoado, que outrora levavam à guerra os que não tinham armas de ferro. Pequeno sapo em Pernambuco e no Ceará. Bras. Pessoa imberbe. Caçã pequeno.
Nascentes	não consta
Nei Lopes	não consta
Castro	(banto) (°BR) –s.m. pequena rã ou sapo.

Houaiss e Ferreira concordam dizendo que o vocábulo é de origem quimbundo e Castro descreve como procedente do banto. Moraes Silva traz como brasileirismo. Caçote não está dicionarizada em Nascentes e também não foi encontrada na enciclopédia de Lopes.

Variante: Manzá	
Ferreira	Mazá: [Do quicongo.] S. f. 1. Bras. Rel. No candomblé angola-congo e nos cultos por ele influenciados, a água us. Em cerimônias rituais. [var.: mazia.]
Houaiss	Mazá S. f. Rel B nos candomblés angola –congo e seitas afins, denominação da água potável ou uso ritual. Etm. Quicg. Mazá “água”.
Morais Silva	S.m. Verme anelídeo.
Nascentes	não consta
Nei Lopes	Mazá. Nos candomblés bantos, água potável ou de uso ritual.

	Do quic. Maza, “água”.
Castro	(banto) (LS) –s. sanguessuga, lesma consagrada a Nana. Kik. (ma)nzau/ kimb. Di-mazaia.

Manzá não está dicionarizada em Nascentes. Lopes, assim como Ferreira e Houaiss, traz o vocábulo como de origem quicongo o que é confirmado por Castro que diz ser do quicongo (ma)nzau, mas também do quimbundo di-mazaia. Para Morais Silva, manzá é um verme anelídeo. Com exceção de Morais Silva, todos os estudiosos aqui pesquisados convergem quanto à etimologia da palavra manzá.

Variante: Macaia	
Ferreira	[De or. Incerta.] S. f. 1. Bras. BA, MG, SP. Tabaco de má qualidade; macaia.
Houaiss	S. m. (1934 cf. Neg Br) 1 BA, MG, SP tabaco ordinário, de má qualidade; macaio, bazé. 2 Rel B nos terreiros de rito angola e congo, o conjunto da s folhas us. Para fins rituais. Etm. Quicg. Makaya (pl. de kay “ folha”), especificamente “folha de tabaco”.
Morais Silva	S. f. Bras. Tabaco de ruim qualidade. Pintar macaia, morrer.
Nascentes	S. F. Tabaco de má qualidade. (Do quimbundo ma’kana).
Nei Lopes	Na umbanda e nos candomblés bantos, designação das folhas sagradas, usadas nos rituais. Etm. Quimb.
Castro	(banto) (BR) –s.f. folha de tabaco, fumo; fumo de má qualidade.

Para Castro trata-se de um brasileirismo de origem banta. Morais Silva traz só como brasileirismo. Para Ferreira é de origem duvidosa, mas classifica também como brasileirismo. Lopes, Nascentes e Houaiss registram como de origem quimbundo. Novamente encontramos divergências entre os dicionaristas e os estudiosos da língua africana quanto à etimologia da palavra surungo.

Variante: Surungo

Ferreira	[Var. de sorongo.] S. m. 1. Bras. RS V. arrasta-pé (1).
Houaiss	Baile de gente simples; arrasta pé, sorongo: s. m. DNÇ 1 dança brasileira de salão, de origem espanhola, pertencente ao tipo de fandango e revelando características coreográficas da jota e do bolero, conhecida na Bahia no s. XIX. 2 BA Mg dança de origem africana, do tipo do batuque ou do samba. Etm. Org. controv.; para Nascentes, or. Obs.; segundo Nei Lopes, s, v. soronga, prov. Relacionado ao quicg. solonga “gotejar, escorrer, derramar.”
Morais Silva	Soronga: Adj. Bras. Que é tonto ou tonta; que é atoleimado ou atoleimada. Molengo, sem força; lasso. S. 2 gên. Pessoa torta, apalarmada, desgovernada.
Nascentes	S. m. dança negra, de origem africana.
Nei Lopes	Soronga: Dança semelhante ao batuque, de origem africana. Sorongo é o nome de um subgrupo dos Bacongós.
Castro	não consta

Este vocábulo não se encontra da obra de Castro. Moraes Silva e Ferreira trazem como brasileirismo. Lopes classifica sorongo como uma palavra de origem africana. Houaiss registra tratar-se de palavra de origem controversa e refere-se às etimologias dadas por Nascentes e Lopes. Mais uma vez podemos verificar que existem muitas divergências entre os lexicógrafos, o que comprova a falta de pesquisas sobre a cultura africana e a sua contribuição no falar brasileiro.

Variante: xangourista/xangozeiro	
Ferreira	[xangô+ rista] Xangô: [Do iorubá] Um dos orixás mais poderosos, relacionado com o raio e o fogo, e sincretizado freqüentemente com S. Jerônimo, Santa Bárbara, S. Miguel Arcanjo. [xangô+zeiro]
Houaiss	[xangô+ rista] Xangô: [iorubá xãgo] -s.m. orixá iorubá dado como o quarto rei (lendário) de Oyo, na Nigéria, cuja epifania são os raios e os

	trovões [doze qualidades desse orixá são referidas nós candomblés nagôs de Salvador]. [xangô+zeiro].
Morais Silva	Xangô: S.m. Nome de um orixá ou deus litolátrico da macumba. Xangô + eiro. Xangô + rista.
Nascentes	não consta
Nei Lopes	Xangô: Denominação genérica dos cultos africanos de origem sudanesa em Pernambuco. Xangô + eiro. Xangô + rista.
Castro	(Kwa) 1. (PS) –s. orixá dos raios e do trovão, rei herói do povo iorubá, geralmente correspondente a São Jerônimo, é venerado nos meteoritos e machados de pedra que são colocados em um pilão de madeira esculpida (odô) a ele consagrado.

A palavra xangô não se encontra dicionarizada em Nascentes. Houaiss e Ferreira classificam como de origem iorubá e Castro como Kwa. Para Nei Lopes, xangô provém dos cultos africanos de origem sudanesa em Pernambuco. Moraes Silva não traz a etimologia, só denomina como sendo o nome de um orixá ou deus litolátrico da macumba.

Podemos constatar que ainda há divergência sobre a etimologia de algumas palavras, alguns lexicógrafos ainda não trazem com certeza a origem de algumas delas, preferindo registrar como de etimologia obscura ou incerta, como é bastante freqüente em Ferreira. Houaiss e Lopes aproximam-se das etimologias dadas por Castro que, ao contrário dos demais, busca as raízes de cada uma das variantes, indicando não só a nação africana como também a tribo à qual pertence cada uma delas. Nesse sentido, Houaiss e Lopes registram algumas variantes como africanismos, denominando à qual tribo pertence o vocábulo e acabam sendo mais completos do que Ferreira:” O Houaiss inovou neste aspecto colocando as diversas opiniões de obras lexicográficas e de cunho lexicográfico.” (Henckel, 2002, p. 96). Quando os estudos africanos ainda não haviam ocupado o espaço nas academias, verifica-se que os lexicógrafos, igualmente, atribuíam ao verbete uma origem

obscura, ou um provável e genérico africanismo, ou mesmo um brasileirismo, como se observa em Morais Silva (1945) e Nascentes (1943).

Considerações finais:

Este trabalho procurou demonstrar que o APFB traz uma série de palavras de origem africana para designar não só os referentes do campo semântico da umbanda, mas também de outros campos, como o da fauna, da flora, da vida social, das designações familiares. A consulta aos dicionários, por sua vez, deixou claro que a maioria dos lexicógrafos, como Nascentes, Ferreira, Houaiss, diante da dificuldade de encontrar a etimologia dessas palavras, prefere considerá-las de etimologia obscura. Para a consulta sobre a etimologia das palavras de base africana, a obra de Castro (2001) é realmente a mais completa, o que leva a reiterar as palavras de Henckel (2002, p. 96): *O recente vocabulário afro-brasileiro de Castro (2001), traz, com relação a este ponto, etimologias mais precisas.*

Referências bibliográficas:

- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva: Os estudos geolingüísticos no Brasil: dos atlas regionais ao ALiB. In: Documentos 2: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil. Jacyra Andrade Mota; Suzana Alice Marcelino Cardoso (Orgs.). P. 35 a 65. Salvador: Quarteto, 2006.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks Editora. 2001.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; FERREIRA, Carlota da Silveira. *O léxico rural: glossário, comentários*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2000.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro. Ed. Positivo, 2004.
- HENCKEL, Rosa Alice Cunha. *Brasileirismos de origem africana*. In: Ex oriente lux. Festschrift für Eberhard Gärtner zu seinem 60. Geburtstag. P. 89 à 100. Valentia Frankfurt am Main, 2002.

- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LOPES, Nei. *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*. São Paulo. Ed. Selo Negro, 2004.
- NASCENTES, Antenor,. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Tomo de A a P. 1943.
- PETTER, Margarida Maria Taddoni. *Africanismos no dicionário Aurélio século XXI*. Revista Estudos Lingüísticos, São Paulo. V. XXXI, P. 76 a 81. 2002.
- PETTER, Margarida Maria Taddoni. *Palavras de origem africana nos dicionários Houaiss e Novo Aurélio século XXI*. Pápiá. Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares. V. 13. Ed. Thesaurus. Universidade de Brasília. P. 107 a 114. Brasília, 2003.
- PUZZINATO, Ana Paula e AGUILERA, Vanderci de Andrade. *A presença de africanismos na língua portuguesa do Brasil*. In. Revista Afroatitudeanas, n.1, 2006.
- ROSSI, Nelson. *Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)*. Rio de Janeiro: INL-MEC, 1963.
- SILVA, Antônio de Moraes. *Novo dicionário compacto da Língua Portuguesa*. Ed. Confluência, 1945.